

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 87

SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno..... 8\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil

Anno..... 45\$000 moeda fraca
Semestre..... 25\$000 , ,

Territorios da união postal

Anno..... 9\$000
Semestre..... 5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SEculo,"

43-RUA FORMOSA-43

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA.

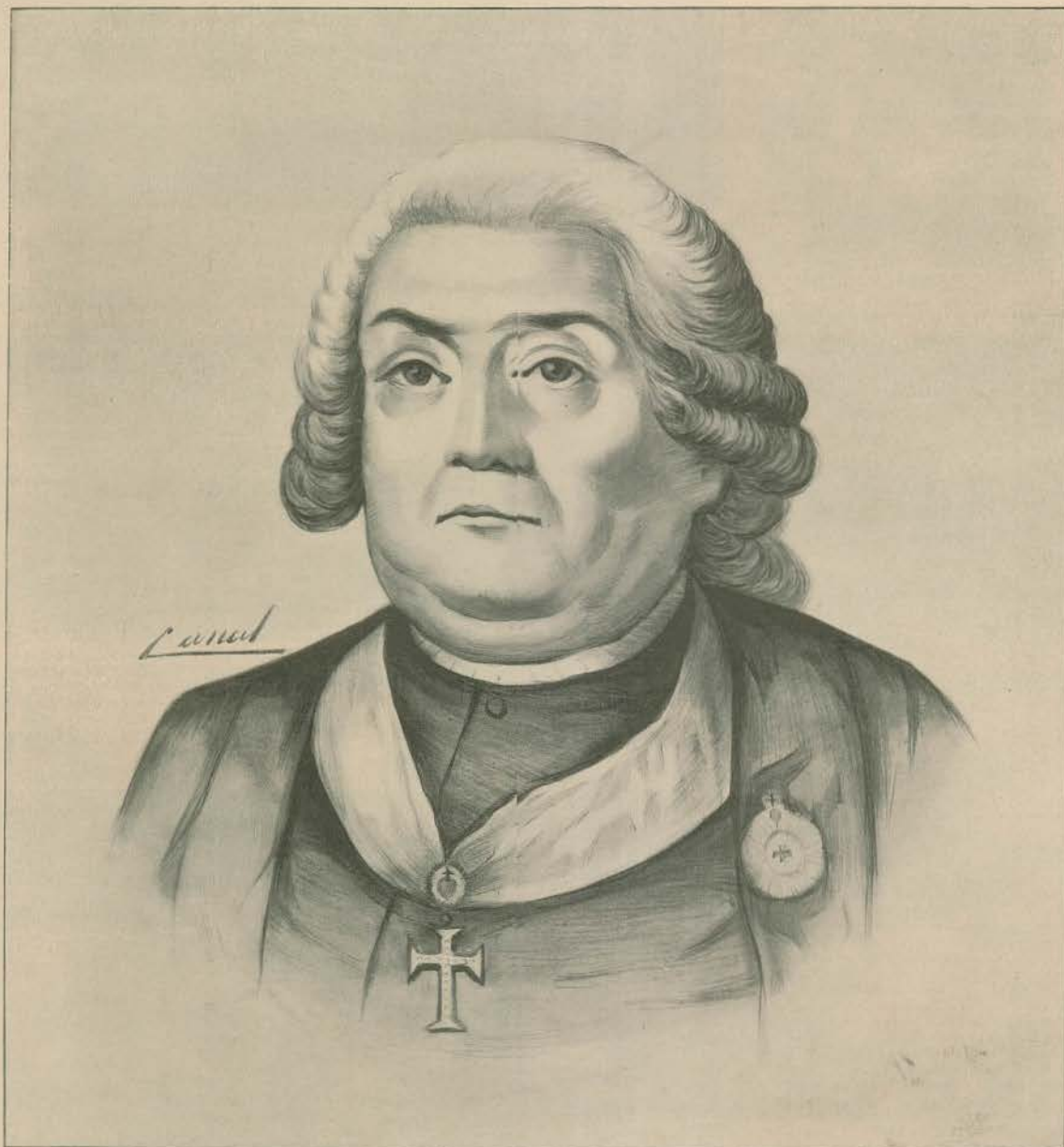
PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA.. 3 DE JULHO DE 1903

NUMERO 87



PINA I MANIQUE

Fundador da Casa Pia, cujos restos mortaes vão ser trasladados do convento da Penha para a ermida dos Jeronymos da cerca da Real Casa Pia de Lisboa

Pina Manique, o famoso intendente da policia e o celador de D. Maria I, foi o mais activo defensor da Incommodação. De mestre se converteram uma pequena parte da vida aos seus filhos. Como intendente da policia, souber abastecer a Bahia n'um tempo de necessidade, elle foi ao mesmo tempo no seu cargo. Ao mesmo tempo que exercia d'uns officios verdadeiramente indispensaveis como officio de perse-

gublar, enquanto cheava os pedreiros livres com a arte d'um sulto de boa marca, dedicava-se tambem ao desenvolvimento do pais, abren-
tando no que d'elles respeito a caridade. Pina Manique parece ter se
chegado d'algumas indisciplinas com o outro de bandidos. Foi assim que elle
assistiu no edificio de Santa Margarida de Lisboa, hoje a Cordaria
Nacional, um recolhimento para mulheres perdidas, que desde em
Roma um hospicio onde os phantomas portuguezes podiam apertear-

se no estado das Bellas Artes e fundou a Casa Pia de Lisboa, que
actual provedor, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, vai fazer trans-
ladar os restos mortaes do intendente, esquecidos na Penha, para a er-
midilla de S. Jeronymo que está no alto do circulo estabelecimento
a cada bairro recebido a homenagem que, apesar de todas as seus
demandas como intendente, lhe é devida como philanthropo.

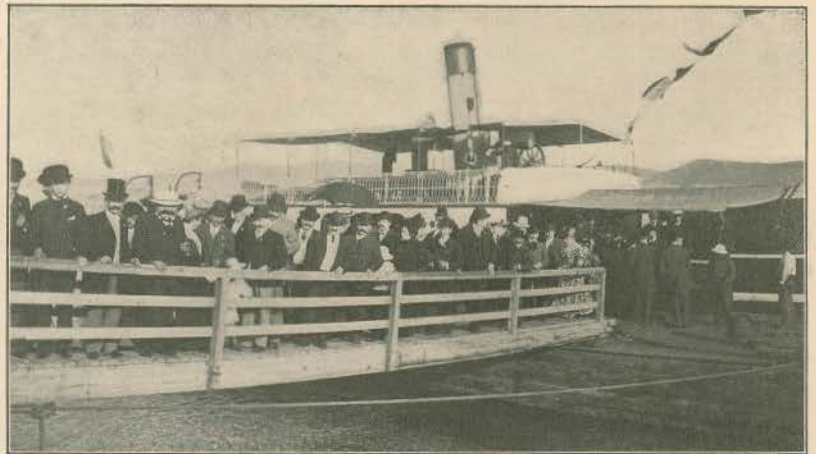
CHRONICA

A idéa civilisadora

Debaten-se ultimamente muito a questão de Marrocos que se cingiu n'uma phrase: a idéa civilisadora. A civilização vista no sentido que lhe estão dando é uma bandeira encobrindo uma espada, como a religião foi um altar que occultava uma fogueira. A defeza da religião era uma phrase de effeito mascarando uma palavra, o interesse, como a idéa civilisadora é um bombástico termo tapando ganancias.

Da primeira nasceu a Inquisição, da segunda veio além d'outras luctas a guerra da Russia e do Japão. O movel era ao começo a China, depois a Coréa. Os coreanos com as suas vestes de seda onde se espalham dragões, com os seus chapéus hediondos, com os palanquins, as suas mulhersinhãs de tunicas extravagantes, parecia á Russia um campo de expansão admiravel para introduzir as pelles de marinha, o *radka*, o chapéu alto, o automovel e os coiros. Ao Japão pareceu-lhe a mesma coisa, isto é, tiveram ambos a mesma idéa civilisadora e d'aí a guerra. Com a China esteve para se codor o mesmo.

Falou se até em retalhar o Celeste Imperio e partilhá-lo com as grandes potencias em nome da civilização. O chinês era um insulto ao progresso e



O CONGRESSO DA MAÇONARIA—Os maçons passando na ponte em Bielea a fim de visitarem os Jeronymos



O CONGRESSO DA MAÇONARIA—O desembarque em Bielea

pensar que o mundo não tem caminhado. Quando esses povos — os arabes — agora tidos por barbaros invadiam a península, desfaldavam as suas bandeiras de serro em serro, fundavam mesquitas e elevavam Granada, a radiosa, ceifando com os alfanges as cabeças dos conquistados que se oppunham tenazmente, querendo ser livres, os arabes praticavam um grande attentado.

Quando a Europa pensa em crear lá em baixo n'esse paiz de Marrocos as suas fabricas, os seus caminhos de ferro, as suas officinas, roubando com o terreno o pittoresco, a Europa de hoje equiparase ao antigo arabe que conquistava a Península.

Só ha entre ambos uma differença: a que vai d'um alfange d'aço, luzidio e temperado, a um canhão Krupp monstruoso, de grande alcance e de pontaria precisa. A idéa civilisadora é um simples pretexto, porque n'este tempo a civilização importa sobretudo a paz para á sua sombra florescer o ingenho humano. Por isso na questão de Marrocos, em que tres grandes potencias se empenham, a civilização, o que parece um paradoxo, em vez de avançar manda recuar deixando ao marroquino o seu albornoz e a sua espingarda e á Europa a sua ancia de civilisar. E assim succederá porque o contrario traria um terrivel conflicto que não se poderia mascarar com a idéa civilisadora!

ROCHA MARTINS.

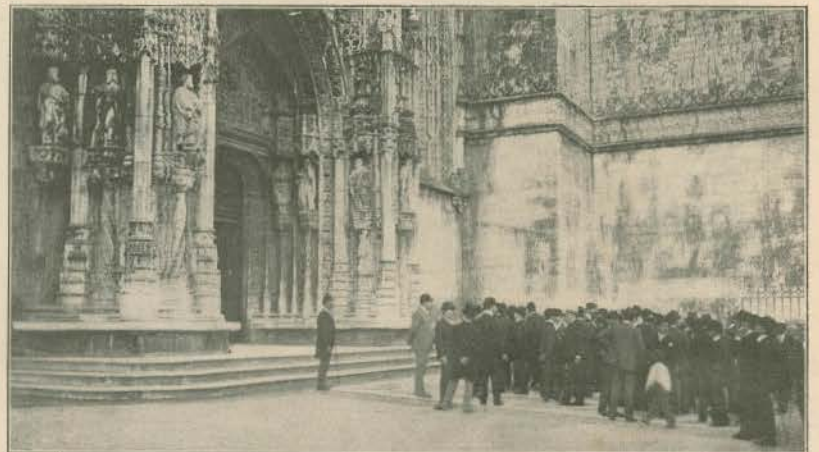
entretanto em Paris mobilavam se salas e almas á chinesa. O chinezismo foi moda no mobiliario e na litteratura. D'aí o dizer-se abertamente que no fundo de toda esta questão apenas havia um documento positivo: a factura!

Presentemente dá-se o mesmo com Marrocos. A Alemanha carece de collocar os seus productos, a França de fazer outro tanto, a Inglaterra tem igual necessidade. Nasce então a phrase: a idéa civilisadora.

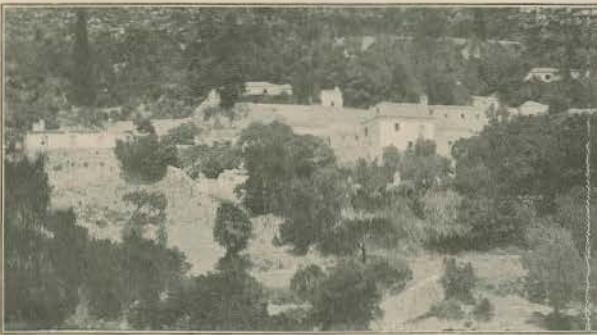
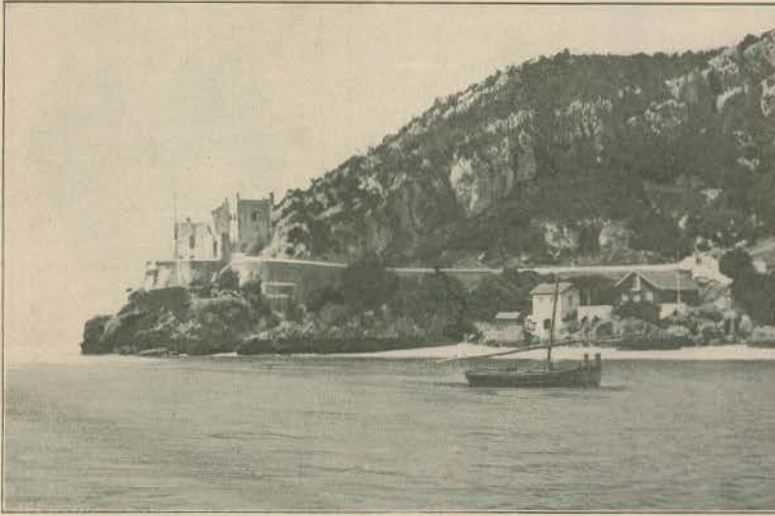
Esses marroquinos com as suas mesquitas brancas, com o seu albornoz, com o seu alfange, com os seus prophetas fazendo guerras e com os seus *muezins* cantando graças a Allah na hora do crepusculo, impedem adentro dos seus costumes as fatiças do Louvre e as bebidas allemãs, o *champagne* e as botinhas de polimento, e com isto impedem tambem que a Europa se enriqueça.

Logo, essa Europa fala de civilização e busca um dominio igual ao que temos na Africa onde conseguimos introduzir, não a eleição para os espiritos, mas os artefactos, não os modernos ensinios, mas o imposto, não a convicção de liberdade para esses homens ali nascidos, mas uma turba de funcionarios, o que faz com que os negros andem de chapéu alto e... nós!

De resto é assim a civilização imposta a occultar uma taboleta de commercio. Não chega aos cerebros. A civilização deve ser uma coisa inteiramente differente, porque do contrario chegaríamos a



O CONGRESSO DA MAÇONARIA—Á saída dos Jeronymos



A ARRABIDA

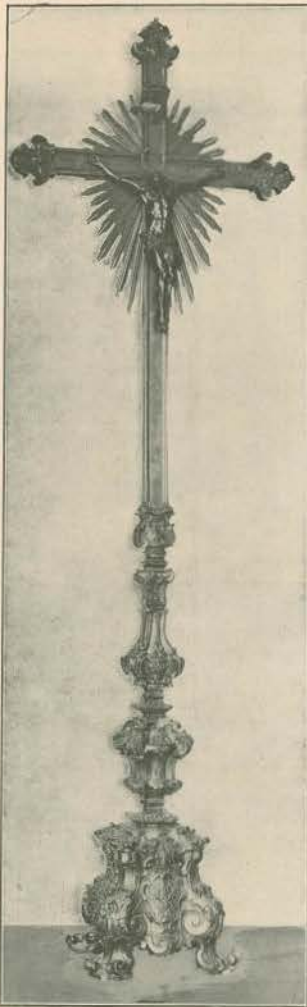
Forte do Fortinho d'Arrabida—Imagem de Nossa Senhora d'Arrabida—Convento d'Arrabida—Portinho d'Arrabida—Bem Jesus d'Arrabida—Chalet de ar. Pinto Baatos na Arrabida

Realizaram-se festividades na Arrabida nos dias 19 e 20 de junho e 1 e 2 de julho com o seu fausto e das annos anteriores, com a mesma belleza que veio do piltorico das Legiões, com o costumeado krilho que vem da moneta p. e q. e commisso dos festejos se leva a effeito, empunhando-se o'asa d'alma e coraço. O convento d'Arrabida que ha a mais de seculos foi fundado em 1512 por Fr. Mica-

elha de Santa Maria; edificio construido de mais alta belleza. Atualmente existe ali uma simples e pequena igreja e jardim d'um inglez, que foi Henrique que, vindo a' terra, se veio de Inglaterra para Lisboa, se salvou d'um enorme temporal que se desmorou no mar perto de Setúbal.

A igreja era devoto e trazia como uma imagem da Vir-

gem, a qual foi attolida a salvacao, dizendo-se que uma grande luz brilhava no terra se guizo e que o'vno lugar foi achada a imagem logo que desmoronou. Henrique, que vinha para se estabelecer em Lisboa, salvou-se com sua familia de riqueza e de se- armita, ficando no alto onde se ergue a ermida.



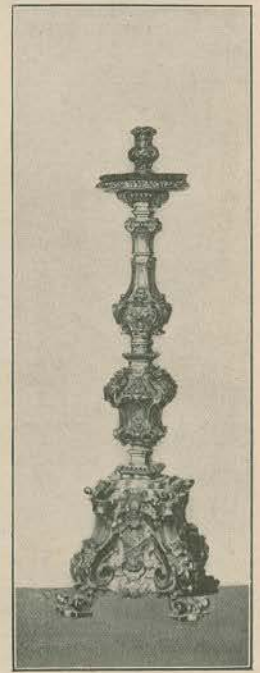
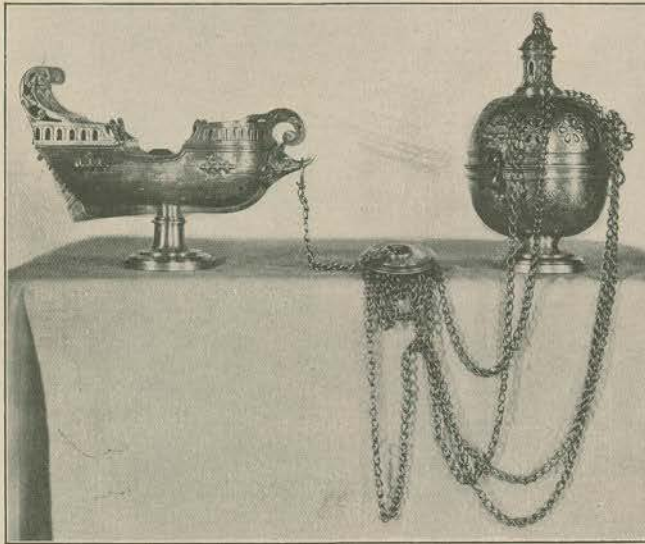
O THEOURO DA SÉ PATRIARCAL

Christo da Restauração de Portugal em ouro e cruz de prata—Vaso de comunhão, lavrado feito no reinado de D. João V. Cruz de esmalte e ouro offerta dos Filippos 1583. Caliz manuelino onde se faz o sagrado deposito em Quinta Feira Maior—Vaso de comunhão geral todo lavrado, reinado de D. João V—As galhetas para quando celebra o sr. patriarcha, reinado de D. João V—Cofre d'ouro e prata contendoa mão de S. Vicente—Caldeirinha do sr. patriarcha, tempo D. João V—Jarro de prata que serve para quando o patriarcha officia, época D. João V.

É maravilhoso o theouro da Sé Patriarcal entregue á guarda de novembro Pereira Botto, e do thesoureiro sr. Albert, da Louz. Antunes. É realmente um theouro que se encontra áquellez armazéns. Na sala das scenas capitulares foi enfilado um mostrario onde foram dispostos oito missaes illaminados que servem nas solemnidades em que celebra o sr. cardinal patriarcha e tres que servem nas

festividades á que sua eminencia assiste. Tambem ali está o ritual que serve nos casamentos os rezos e que se usou pela primeira vez no casamento da infanta D. Mariana Victoria com o infante D. Gabriel de Hespanha em 1788. Encontram-se nos mesmos mostrarios os lavados que serviram para as cedeiras das diferentes dignidades da igreja, superiores á cedeira. Nos armazéns está, além d'outras cousas preciosas,

a pomba a artistica custodia que foi feita no tempo de D. João V e avaliada em 450 contos. É toda em rubis, topazios, esmeraldas, diamantes e lavrada com magnificas figuras d'ouros, de santos e de emblemas sacros. Vioz a cruz mandada fazer por Filipe II e que tem a data de 1583, estando bem visavel e entrefechada no magnifico objecto as armas reais hespanholas e portuguezas.



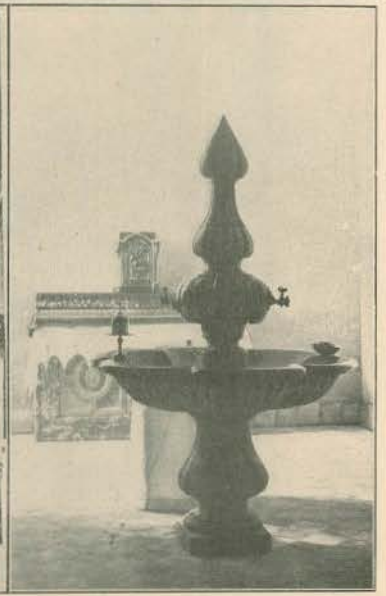
O THEOURO DA SÉ PARIARHAL

Custodia d'ouro guarnecida de pedras preciosas que serve na festividade do Corpo de Deus e oitavario, feita no reinado de D. José I—Sr. Alberto Antunes, thesoureiro da Sé—Monsenhor Pereira Botto—Sr. Julio Marques da Costa, ajudante do thesoureiro—Cruz de prata dourada da capella-mór do reinado de D. João V—Salva do Estado em alto relevo que serve quando celebra o ar. patriarcha—Cruz do ar. patriarcha em ouro cravejada em brilhantes—Thuribulo e navêta de prata, reinado de D. Afonso IV—Castiçal da capella-mór de prata dourada que só serve para quando o ar. patriarcha officia.

Além de muitos e custosos objectos d'arte, existem no thesouro da Sé reliquias venerandas guardadas com tanto cuidado como as preciosidades artisticas. Destaca-se entre ellas a de S. Gregorio Nazio-
290.
Depois nos outros armarios ha objectos de culto em ouro e em

prata como salvas do seculo XVII, recortadas, thezouros, navêtas, jar-
ras e calices, thuribulos embelezados e « focheros » ou uma grande fonta
em prata representando o Espirito Sancto. Vem-se tambem brilhantes,
o riquissimo collar de D. João V e varas com cordões de grãta. O celebre
Christo da Restauração em ouro e encastado e digno de figurar entre

os maiores preciosidades artisticas, assim como as formosas do tempo
do mesmo rei D. João V que de Lys grande esplendor rodeou a igre-
ja e um dos quaes é em brilhantes com as letras J. H. S. sobre tres
cravos do calvario e dois em pedras que servem para as cerimoniaes
funeræas.



A IGREJA DA GRAÇA

Aspecto da igreja, do lado do Evangelho—Cefre da Semana Santa, com guarnições e marchetado de prata—Um aspecto do altar-mór—O baptisterio

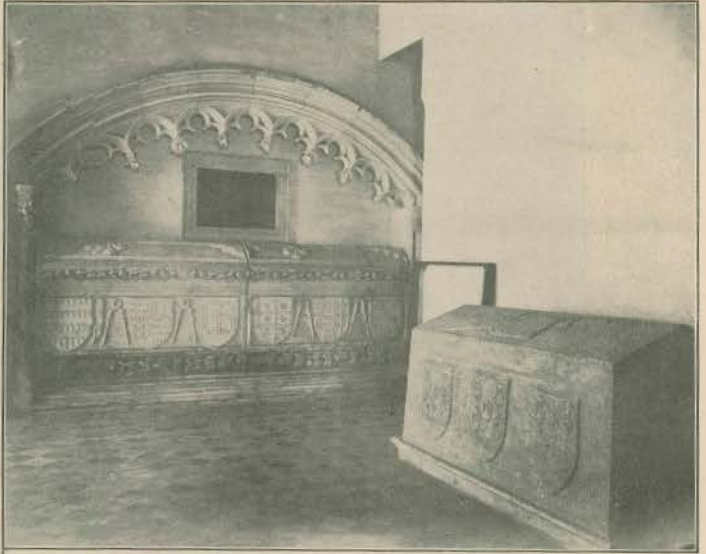
As obras que foram levadas a cabo na igreja da Graça fizeram deste templo um dos mais bellos da cidade. As festas de desambrotação que ali se realizaram solemnizaram a restauração do templo sem prejuizo.

F. Certo que mesmo durante as obras ali se celebrou o culto, por a parte mais bella da igreja estava vedada. O actual prior da

igreja é monsenhor Carlos Francisco Costa, jesuíta domestico de Sua Santidade, ex-promoteorio apostolico e al. natural de Lisboa. Já como ecclesiastico com S. Vicente de Fora, sacerdote intelligente e virtuoso.

Durante todos os trabalhos, monsenhor Carlos Costa foi leal e capaz, vendo, por todos, combinando com os artistas as ornemen-

tados, superintendendo a obra de restauração de terra e de pedras. Agora os altares todos durados, os quadros restaurados, os tectos com bellas pinturas da época do esplendor antigo, o seu deslumbramento superior ao terramoto e em que quasi toda a nobreza do reino o sustentava com as suas esmolas destinadas ao Senhor dos Paes que ainda hoje lá se venera.



A EGREJA DA GRAÇA

Um aspecto do altar-mór com as imagens de Santo Agostinho, Santo André e Santa Marinha—O túmulo da família d'Alfonso d'Albuquerque—A senhora da Graça—Candeieiro das trévas—Monsenhor sr Carlos Costa, prior da Graça

Depois do terremoto foi aberta ao publico, com um grande entusiasmo, essa igreja magnificente, onde existe uma imagem das de maior devoção que tem Lisboa, e de S. Benedito de P. m. a. que desde ha muitos annos se venera a esse templo, onde todas as noites heza se vio doze, nos os annos de guerra. A igreja da Graça com o terremoto de 1755 ficou muito danificada, ficando o alicerce que

hevia ao candeieiro, todo o resto e grande parte d' a parede. Foram de 16 e torre do relógio e o candelabro, assim como o candelabro. Em 1773 começou a proceder-se a restauração, sendo se despenda mil e tres contos de Santo Agostinho a cujos ordens a igreja restou. Mas tarde, como não houvesse recursos, hezram se paradas as obras e sem pintura alguma. Em janeiro de 1890 começou então a

hzer os trabalhos de decoração sendo pintadas no arco da candeieiro as armas de Santo Agostinho por Pereira Junior. De novo se pararam os trabalhos até que por fim foram adjudicados ao pintor João Vaz que os concluiu com outro custo de valor, 1100 de Amarel.



A QUESTÃO DE MARROCOS—Um passeio do sultão

Quando o imperador Guilherme da Alemanha deixou Lisboa após as festas que se fizeram em sua honra e levou consigo o sr. conde de Tattenbach, ministro n'esta cidade, ninguém calculava a questão que se la tra-

var. Aventaram-se diversas opiniões acerca da precipitada partida do ministro e só ao cabo de certo tempo, quando o imperador atravessou as ruas de Foz n'um seqüito de honra e quando Tattenbach partiu para a

córta ao encontro do sultão, é que se comprehendem a questão que se travava. A Alemanha buscava o primado pelo menos commercial em Marrocos, disputado-o á França que buscava a amizade da Inglaterra

que, tendo ali perto colonias como a Tunisia e a Algeria, obteria grandes vantagens. A politica de Dolcassé, toda de patriótica *revanche*, levava as cousas a este termo, até que, para não haver um grave conflicto, o minis-

tro foi demittido e mr. Rouvier, presidente do conselho de ministros da França, encaminhou as negociações d'outra maneira honrosa. D'uma entrevista em Paris entre mr. Rouvier e o principe Radolin, embaixador

alemão, deve chegar-se a um accordo que descerie contornará as litigações, esperando-se a submissão do sultão á vontade das nações que se encontram em via de se harmonisarem.



Joaquim d'Oliveira Cunha
2.º commandante



João Augusto da Cunha
Commandante do corpo selecto da 2.ª Brigada de Infantaria
Voluntária de Lisboa



Francisco Avelino d'Almeida
1.º patrão



Scenas do tempo de Luiz XV, trabalho de Leopoldo Battistini destinado á ornamentação d'uma sala no palacio do sr. Candido Sotto Mayor na Avenida Fontes Pereira de Mello



A EXPOSIÇÃO HIPICA NA REAL TAPADA D'AJUDA

«Romboso», cavallo pertencente ao sr. Alfredo d'Andrade (medalha de ouro)—A passagem do gado premiado—Cavalleo «Marcotte», pertencente ao sr. marquez de Castello Melhor (menção honrosa)—Feldras de 2 annos (medalha de cobre)—«Rosa», egua com a sua cria pertencente aos herdeiros do sr. conde d'Atalaya (medalha de prata)—Cavalleo «Dragão», pertencente à Companhia das Lestivas (menção honrosa).

Encerrava-se em sexta-feira 11 de julho esta exposição, tendo-se no campo de corridas os saltos de obstáculos em que tomaram parte os cavalleiros que allí concorreram durante o periodo d'abertura do certamen.

SS. MM. assistiram ao desfile do gado premiado e que leva-

va no presente as medalhas que lhe se foram concedidas, passando-se emfim a parte seguinte: egua «apollodora» da Landeirão Nacional; egua «Rompobos» para augmento com a sua cria; egua «Luz» «Romboso», cavallo pertencente ao sr. Alfredo d'Andrade; «Valerico» e «Marajano», do sr. Peito Bialente; «Rosa», egua do sr.

conde d'Atalaya; «Marcotte», do sr. marquez de Castello Melhor; egua «D'Orillio» n.º 1 e egua da Companhia das Lestivas de P. Luis Branco e de Alfredo d'Andrade e os cavallos preço do sr. capitão Pessoa d'artilheria n.º 1, dos srs. capitão Faico, alferes Franco e Tavares, da guarda municipal.



OS FESTEJOS NO JARDIM DA ESTRELLA—O baile das mulheres d'Ovar

Durante as noites dos festejos houve desfiles e ballados, mas sem dúvida os mais gradados foram os dos raparigos de Ovar, que, em os seus trajes característicos exibiram de alegria e de júbilo

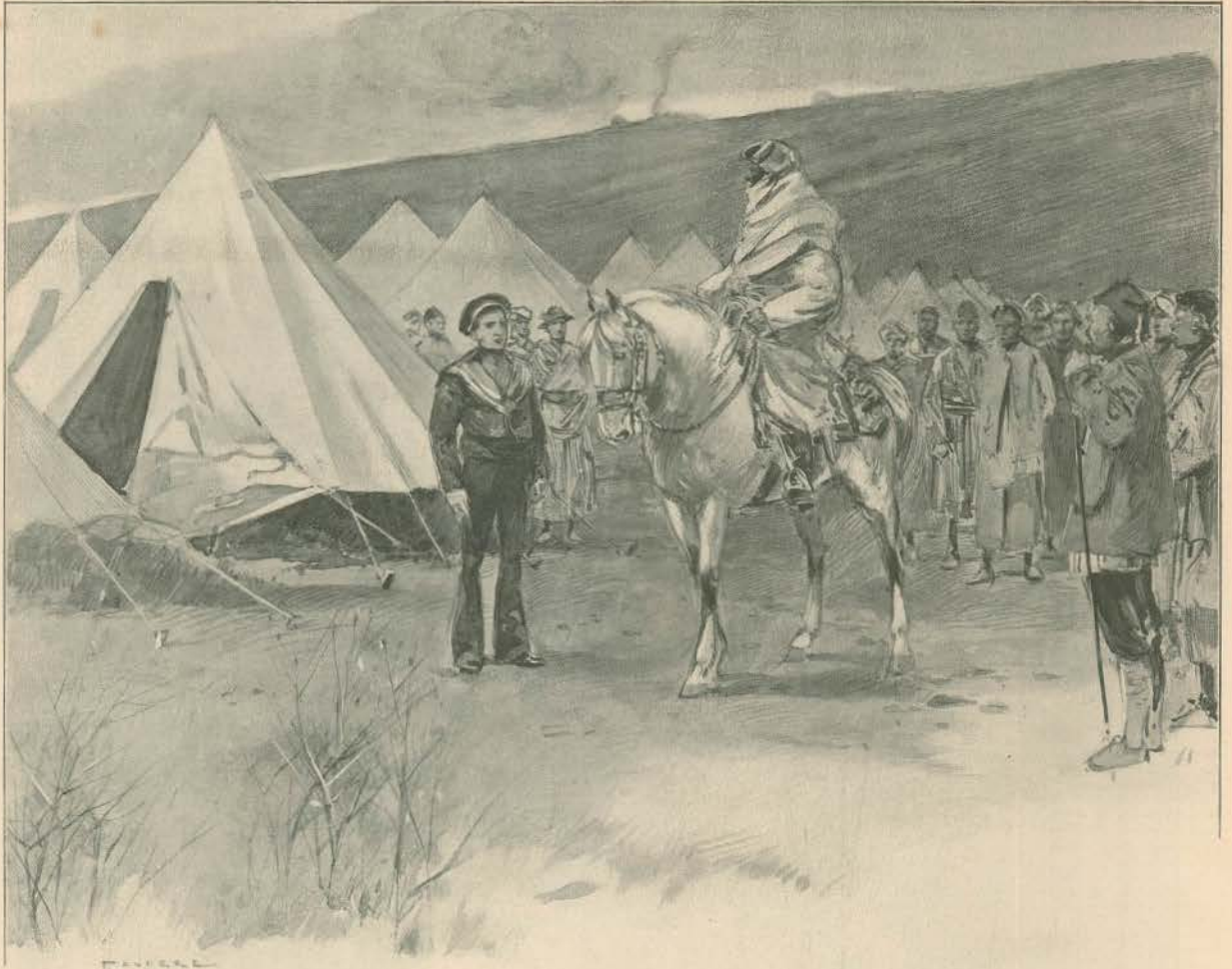
o recinto vistosamente illuminado do jardim. As festas da Associação da Imprensa tiveram este e não um fazimento extraordinário, sendo alguns de todo o aquilão os seus promotores.

— No dia de S. Pedro queimamos um maravilhoso fogo de artifício e a commoção foi enorme, agitando extraordinariamente os fogos dos lagos, oheios de terra e de deslombos etc. Espectáculos

por todos os matizes, as festas pouco que vão continuar durante todo o verão, isto apesar da Caída. Municipal ter recusado de comore a licença necessária, mas que, segundo se diz, vai ser agora concedida.



COIMBRA: A debulha do trigo na Escola Nacional d'Agricultura—NA FEIRA DO CADAVAL: O proprietário Nascimento Pereira n'uma transacção - Negocio de ciganos—Um aspecto da feira no largo de S. João



QUE DESEJA? TORNOU PAULINO, APPROXIMANDO-SE DO CAVALLEIRO.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLI BRUGIERE e LUIZ GASTINE. TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

PRIMEIRA PARTE

A missão internacional do occidente

I

UM ESTRANHO MENSAGEIRO

«Commandante Mérande?»

No meio do acampamento, sobresaltado por esta súbita luctuação, um cavalleiro detinha subitamente o seu cavallo.

Envolto em estofos amarellas, mal se lhe distinguia o rosto. O cavalleiro repetiu o seu chamamento em voz sonora, como para ser ouvido, fosse onde fosse no acampamento, por aquelle mesmo por quem elle perguntara d'esse modo.

— O que é que elle quer? d'onde é que vem? exclamou Paulino Mérac, marinheiro bordeloz, atarracado de aspecto franco, que dirigia um importante trabalho de brunir no meio de um grupo de indigenas.

— Acaba de entrar no campo a galope, disse um dos servos. Tomei-o por um homem do escotia.

Que deseja? tornou Paulino, aproximando-se do cavalleiro.

Este ultimo fitou-o por um momento, e, pela terceira vez, repetiu:

— Commandante Mérande?

— Parece-me, regougou o marinheiro, que fala do

meu commandante, o sr. Mérande. Que diacho lhe quer elle?

Depois em voz alta:

— Com que então, meu amigo, quereis vêr o sr. Mérande?

— Mérande? repetiu o cavalleiro sempre immovel sobre a sella.

Durante este colloquio tinha-se formado um ajuntamento em volta dos dois interlocutores.

Os carregadores e os homens da escolta olhavam para esta scena, impassiveis, sem dizer uma palavra, como bons asiaticos, não romando nunca partido por outrem, e sobstado por pessoas estranhas à sua raça.

As vestes do desconhecido, cobertas de pó, assim como o suor que luzia nos flancos emmagrecidos do seu animal, davam testemunho do longo trajecto que elle devia ter feito antes de chegar ao acampamento.

Perceberam a vista pelos grupos mais proximos, e de repente pronunciou com voz imperativa algumas palavras a'um idioma incomprehensivel para Paulino.

E logo avançaram dois carregadores.

Elle falou-lhes.

Curvaram a cabeça sem responder e tornaram a entrar na multidão.

— Ora então, dizê lá, o que é que isto significa?

— Apoiat-to? exclamava Paulino, irritado com estes mysterios e com o ar desdenhoso do cavalleiro.

— Se queres vêr o meu commandante, alha, elle ahí vem....

Com effeito, sahiam de uma barraca muitos européos atarrabidos pelas exclamações do cavalleiro e de Paulino e pela vista do ajuntamento.

Era uma parte dos membros da «Missão Internacional do Occidente», que procedia aos primeiros reconhecimentos na Dzungaria para determinar o traçado da grande via ferrea transasiatica, Samarkande a Pekin, e n'esse dia estava acampada junto do lago Ebi-nor.

— Meu commandante, disse Paulino, é um homem que acaba de cahir do costado da garrua com o seu cavallo e não leu muito bom modo.

— Parece-me que vos procura, embora eu não entenda o seu palavrado levado da braca.

— Está certo que elle não seja algum dos da nossa companhia, que vem da parte dos nossos amigos que trabalham por aqui perto?

— Nada, nada, elle não é dos nossos, mas conhece estes canalhães que lidam na despesa do hotel.

— Contou a dois d'elles uma historia que me parece embrulhada. Este cão dançado não fala francez, e que trombas que elle tem?

Ao mesmo tempo que escutava as observações do bravo Paulino, Mérande havia-se aproximado, assim como os seus companheiros, do cavalleiro, que se não mexera, e permanecia sempre cercado a distancia respectiva, pelos carregadores.

Vendo chegar os européos, que o commandante Mérande precedia alguns passos, o cavalleiro adivinhou

sem dúvida que estava deante da pessoa a quem procurava, porque impelliu o cavallo ao seu encontro, arredando bruscamente os curiosos, e dirigiu-lhe algumas palavras com rapidez na sua lingua.

—O que queris dizer? ... Não comprehendo, mas, se não me enganar, este homem é um mongol acrescentou em aparte o official.

Depois tornou, primeiro em chinez, e depois em russo:

—Sou na verdade Mérande. O que me queres?
O Mongol sacudiu a cabeça.

Essas duas linguas todas as linguas asiaticas; e logo conheceu a que se devia usar com o mongol, cujo semblante se illuminou immediatamente.

Depois de o ter escutado, Kovlof disse a Mérande: —E' na realidade um mongol e de boa tenda, creio.

—Está incumbido de uma mensagem verbal para vós, mas não a quer confiar a ninguém senão a vós.

—Isso não é possível de modo nenhum, visto que não nos comprehendemos. Servi-vos de interprete, meu coronel.

Kovlof traduziu ao mongol a proposta de Mérande. O extranho personagem protestou com um gesto de recusa enérgica.

—E' só a vós que elle quer falar. E' curioso este caso, e não vejo como podereis sair d'esta difficuldade.

Mas, no momento em que o coronel acabava de proferir estas palavras, o cavalleiro fez um signal aos dois carregadores aca quaes tinha já falado, e estavam a pouca distancia.

E logo elles se approximaram e o ouviram com manifesta deferencia.

Kovlof e Mérande observavam com muito interesse. Emfim, o mongol dirigiu-se de novo ao coronel, o qual transmitiu ainda uma vez as suas palavras a Mérande:

—Propõe falar-vos, servindo-se como interprete de um d'esses carregadores, que sabe a lingua russiana, mas deseja falar-vos, porque só vós, segundo parece, deveis ouvir o que elle pretende dizer-vos.

—Pois seja assim, que estou curioso de saber o que este mysterio occulta.

—Julgo primeiro que era um cavalleiro enviado por Fedérof... Tiveis noticias d'elle?

—Não, e estou quasi inquieto de o não ver regressar assim como Uabek. Partiram esta manhã ao romper do dia; deviam ter voltado o mais tardar para almoçar; lamento vivamente que elles não tenham levado o apparelho telegraphico—não podemos communicar.

—Subis, proseguiu Kovlof, quanto estou preocupado dos recentes incidentes, de que falavamos ha pouco. Não agouro nada bom d'este lama. [1] fanatico, que ouvi-mos pregar cousas extranhas, e que nos deixava maldições no aoul, [2] junto do qual passámos a ultima semana.

O que sobretudo me impressiona é esse extranho visio da planície, em que apenas achámos os vestigios dos rebanhos e acampamentos de que ella de ordinario está cheia n'esta epoca. Dir-se-hia que fogem de nos.

A estrada da China, tão frequentada, está deserta. Emfim, vêde este homem. A sua missão junto de vós deve estar ligada com algum incidente de fronteira.

Depois de ter feito signal a Paulino de estar prestes a vigiar o desconhecido, Mérande dirigiu-se com elle o o carregador para a sua tenda e entrou n'ella.

Paulino sentou-se deante da entrada, a uns vinte passos, murmurando de si para consigo algumas palavras, de envolta com pragas.

O cavallo do mongol, deixado pelo seu cavalleiro á redea solta, poz-se a pastar em torno de Paulino, como bravo animal das estepas, enquanto o marinheiro continuava para si o seu monologo.

—Veiamos, que me queres tu? repetiu durante esse tempo Mérande ao desconhecido.

O mongol dirigia ao carregador interprete algumas palavras, muito vivamente com uma entoação rouca e brusa.

—Está encarregado, traduziu o indigena, de vos dizer que monteis depressa a cavallo, e o sigaes, para vos levar á fronteira da Russia.

—O que é que isso significa?... Porque... Quem o incumbiu de semelhante missão?

As perguntas amontoavam-se nos labios de Mérande, no cumulo da estupefacção.

Depois de um novo dialogo, mais energicamente accentuado do desconhecido com o interprete, este respondeu ao official.

—E' insensato! exclamou Mérande, cheio de zozura. Corro, pois, um perigo? Diz a esse cavalleiro que um chefe europeu não deixa nunca o seu posto... e que elle se explique!

—Elle não deve prevenir-vos a vós, replicou o interprete, mas insiste, porque não ha um momento a perder. E' preciso partir já esta noite.

—Está bem, concluiu Mérande, retomando o seu sangue frio. Elle que vá assentar-se e comer com o meu marinheiro! vou pensar, e, depois, lhe darei as minhas ordens.

—Já... já!... já!... repetiu tres vezes o mongol, mostrando o horisonte com um gesto enérgico.

Depois sahio da tenda, e foi assencorar-se ao pé do seu cavallo com aspecto arregrado, não olhando nem sequer para Paulino, que, por ordem de seu amo, lhe offercia bolachas, dizendo-lhe palavras conciliadoras. —Que patife! Isto são maneiriss! exclamou Paulino, passado um momento, muito offendido da indifferença do seu convidado forçado. Espera a um pouco que o meu commandante me autorize a sacudir-te d'aqui para fóra!

No entanto, Mérande, impressionado, dava-se pressa de ir ter com o coronel Kovlof.

Os outros membros da missão, já informados da chegada do cavalleiro desconhecido, rodeavam o coronel.

Erann o sueco Bottermans, engenheiro das pontes e caçadas, conhecido pelos seus trabalhos na Asia Menor; o hollandez Van Korsteen, medico da missão, grande viajante, que conhecia o mundo inteiro; Max Hermann, suiso, o primeiro que trepan ao C Gaurisankar, a mais elevada eminencia do mundo, envolvendo a cabeça, durante os tres ultimos mil metros da ascensão, de um apparelho respiratorio inventado por elle.

Ao pé do coronel estava Nadia e Kovalevskaja, a unica mulher da missão, doutora em letras, archeologa, afamada descobridora de ruinas, que, e, a despeito da sciencia, continuava a mulher e bella depois von Berner, r, geograph illustre, allemão da bella e intellectual Alemanha do Sul, cabellos compridos, sabio de olhos, mas de coração grande e alma aberta. Havia dado as suas provas de diplomata na China, onde desempenhara diversas missões officiaes em circumstancias difficis. A estima de que gozava na corte da Pekin era uma das garantias da missão.

Emfim o coronel Kovlof, chefe da expedição, estava perfeitamente designado para este papel pelo seu conhecimento das regiões da Asia Central e do Thibet.

Explorador tão intrepido como o

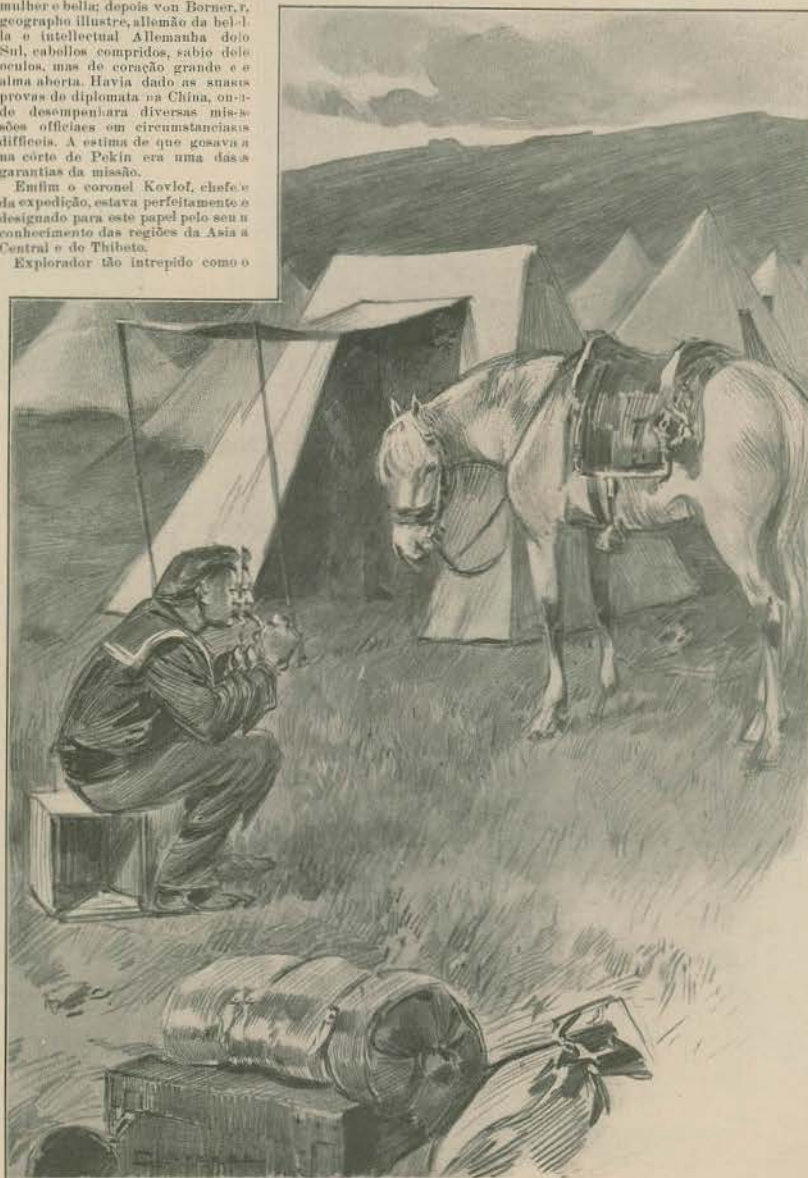
valente soldado, era considerado como futuro conquistador, por conta da Russia, dos paizes situados entre o Himalaya e o rio Amur.

Actualmente era auxiliado pelo commandante Paulo Mérande, o mais novo capitão de fragata da marinha franceza, assaz conhecido no mundo europeu tanto pelos seus trabalhos de canalização de Mc-Kong, como pelo acto de audacia, que lhe havia feito metter no fundo do mar, com o seu torpedeiro submarino, no porto de Plymouth, quatro couraçados inglozes durante a guerra de 19 Mérande era a alma da missão.

Quando Mérande se juntou ao grupo dos europeus, só lá faltava Fedérof, tenente de infantaria russiana, auxiliar inseparavel do coronel Kovlof, e Rodolfo de Usbek, austriaco, botanico, —ao qual nem uma flor do mundo tinha escapado—, dizia rindo o doutor Van Korsteen, que presunha tambem de tomadia seientifica em proveito do alivio da especie humana.

(Continúa.)

FOLHETIM N.º 1



PAULINO SENTOU-SE DEANTE DA ENTRADA

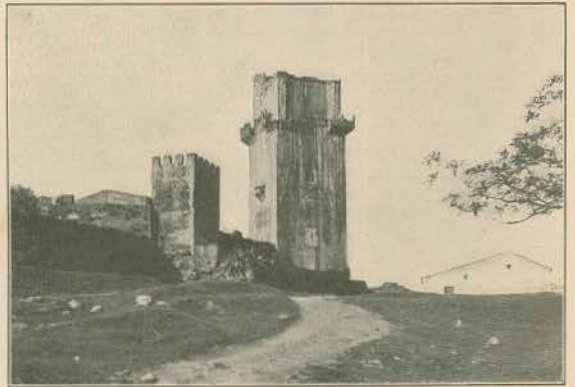
¹ Lama, monge buddhista.
² Aoul, aldeia temporaria de tendas nomadas.



Sr. Dr. Francisco Ferreira da Silva
Bispo de Siens, novo prelado de Moçambique



A corporação dos bombeiros voluntários de Cintra que completou 15 annos de existência a 24 de maio, sendo-lhe por essa occasião conferido o titulo de Real



BEJA—Torre de menagem construída por D. Diniz
(Phot. do sr. M. dos Santos)

CHRONICA ELEGANTE

As grandes festas dos *vernissages*, dos *salons* e finalmente o *Grand Prix* é que tem o privilegio de decretar a ultima palavra das elegancias de toda a especie, tanto de vestuario feminino como masculino como as mais altas novidades na questao de carruagens, cavallos, librés, e hoje em dia do automobilis-mo, a que os fabricantes procuram, esforçadamente, inculcar um aspecto de formosura e de elegancia que infelizmente ainda não lograram attingir.

Mas deixemo-nos de divagações e voltemos ao assumpto de elegancia feminina, que principalmente interessa a nossa chronica. O bom tempo não favoreceu o *Grand Prix*, o que tornou necessaria a exhibição de *manteaux* e *abrigos*. Notou-se extrema variedade n'esto ramo de *follette*. O *costume failleur* elegante, que continuará a figurar nos dias menos quentes do estio, apresenta a grande *jaquette* quasi *redingote*, que é o ideal das pessoas delgadas e esbeltas.

Até por vezes a *jaquette* é tão comprida que se não faz a sua igual, mas sim em seda da mesma cor com um folho alto do tecido da *jaquette*. Este vestuario porém não é o *manteau* que vai na carruagem e se veste a pressa quando é preciso. N'este é que se notou evidente transformação. O *manteau* moderno é geralmente munido d'um *empiement* bastante encurtado, ou d'um corpete muito curto, o que vem a dar na mesma, e d'esto é que surge o *manteau* amplo, ora pouco rodado, muito comprido ou pelo joelho, mas invariavelmente muito desgolado e desabotoado para deixar apparecer a *follette*, seja ella qual for, de passeio, de corridas, de visitas ou de noite. Finalmente o *manteau* nunca se fecha. Alguns modelos tem enormes appliqués de fazenda que fica *drapé* a moda dos antigos *peplums* romanos com seus cordões grossos, borlas ou laços de fita.

Os pannos finos são os nicos adeptados para estes *elements* de verão destinados somente a arrostar com as inconstancias atmosfericas que felizmente n'esta quadra nunca são para assustar. Os forros são sempre de sedas caras e elegantissimas.

Na proxima chronica trataremos do chapéu moderno, que tambem alterou sensivelmente a linha geral da *silhouette* feminina.

FIG. 1 — Vestido de *soirée* em seda azul pallida com rosas bordadas em cor de rosa e amarello, e folhagem escura.

FIG. 2 — Casaca em renda d'Irlanda guarnecida do chiffon e rendas de *point d'Angleterre*.



FIG. 1



FIG. 2

JOSE D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

Tintoraria Parisiense
Preços sem comparação
38, Rua Nova da Trindade, 38
Em frente ao theatro do Gymnasio

RETROZARIA
DAVID SOBRINHO
76-78
Rua Nova da Almeida

Mobílias
de quarto, sala, de jantar e de cozinha. Com o mais moderno colchão de algodão, cortinas, etc.
Gastanheiro Freire & C.ª (irmão)
Solicitamos das Antigas Proprietarias da casa Silva & Irmão,
Rua de S. Vicente à Guia, 59, 44 e 45

Sempre mais barato
Cabelos de palha, chiffons, corcova, burlas, palhinha, ramos de Eúro, ramos e folhas de preparos para fazer abajures de
BARATEIRO PIMENTA
Rua da Palma, 2, esquina

Hayateria RIGOR NA MODA
de J. Gomes de Carvalho
Colçada do Sacramento, 7, sobre-loja, no Chiado
Por baixo do consultorio do Sr. Dr. Fritz Julius
Completo equipamento de lailleries necessarias e vest. agulheiro - Confecções de luto e para luto - Cabelos para figurar e figurar - Bonés e chapéus de grande variedade - LISBOA

Sapataria Parisiense
Eduardo de Souza
Calçada de todas as qualidades
LISBOA
33, Rua de Santa Justa, 37

Empreza
Trens
Objectos funerarios
PIRES BRANCO & MARTHA
Largo da Abegaria, 13 a 19 - Lisboa
Telephons n.º 1.022



Fabrica de Italia
L. V. ROMBERT
Chapéus para senhoras e crianças para todos os preços e especialidades. Em fabricacão de chapéus de palha.
63, Rua do Carmo, 63

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Tendo sido transferida para a quinta das Laranjeiras, em São Ilhas, o Jardim Zoologico e de Acclimação, prazeres e jardins de que o spandeiro de S-to Rio passou a denominar-se S-to Ros Jardim, ficando o spandeiro que até aqui servia o antigo jardim com a simples designação de Rego.
Lisboa, 1 de julho de 1905.—O director geral da Companhia, A. Lepraent.

Transporte de adubos anglicadas etc

Conferimos o § unico do n.º 2 do Art.º 36 da Organizacao dos Servicos Agricolas Interios, Decreto de 24 de dezembro de 1901, e Decreto do Governor n.º 295 de 31 do mesmo mes, e resolvimos a 10 por centadelle 1 de julho proximo até 30 de junho de 1906, a bonna concessão pelo Estado sobre o preço do

transporte de adubos, insecticidas e fungicidas.

Lisboa, 26 de julho de 1905.—O director geral da Companhia, A. Lepraent

Precision
CHRONOMETRE ZENITH
O MELHOR RELOGIO D'ACTUALIDADE EM OURO, PRATA, E AÇO
PREMIADO COM O Grand Prix Paris 1890
A VENDA EM TODAS AS RETROZARIAS E QUINZEANIAS



Gramophones para o povo
OU
O Gramophone popular

Esta machina, um magnifico aparelho com todas as propriedades das melhores machinas, é perfeitissimo, reproduz os sons com todo o seu vigor e pujança, com a maior clareza e nitidez

Preço 12\$000

Pedidos á
Companhia Franceza do Gramophone
Largo da Rua do Principe, 8, 1.º

DISCOS QUE ACABAM DE CHEGAR:

- | | |
|--|---|
| <p>MONARCH ENCARNADOS 52075 = I Pagliacci = Ancona</p> <p>CONCERT ENCARNADOS 52471 = Rigolotto = La dona è mobile = De Lucia 52440 = Pagliacci = Vesti la giubba = Caruso 52070 = Aria Dei non piolar = Opera Demonio = Battistini 52362 = Tosca = Vissi d'arte = Kruselnicka 52034 = Mattinata = Caruso 52346 = L'elisir d'Amora = Caruso 52417 = Gioconda = Cielo e mar = Caruso 52345 = Manon = Il sogno = Caruso 52369 = Aida = Coliste Aida = Caruso 52347 = Meffatofele = Giunto sul passo estremo = Caruso 52443 = La mia canzone = Caruso 52348 = Meffatofele = sui campi, dai prati = Caruso 52410 = L'Idelle = De Lucia</p> <p>CONCERT PRETOS 60413 = Angelina = Mazurka = Martins J. 52257 = Traviata = Ah forse è lui che l'anima = Bretonier 60109 = La Gran Via = Jota de las roxas = s andá 60202 = Surpresa do inimigo = Guarda Municipal 52023 = Il Fischio = Cantalamezzo 52252 = Bohème = Valsa de Musetta = Bretonier 60200 = As Ballasinas = Polka = Guarda Municipal 60286 = Corrida de Torres = Banda de ingenieros 20300 = Triplette = Polka = Gard Republicaine 52072 = Funiculi, Funiculi = Fantoni 47550 = Hoch Ha-burg = March = The Avolos 52361 = Mignon = Polonesa = Huguet 39502 = Ça ne vaut pas l'amour = Polka = Orchestre Musette</p> | <p>52458 = Traviata = Addio del passato = Bretonier 60202 = Er Ressorxer = Mazurka = Guarda Municipal 60202 = Bertha = Valsa = Guarda Municipal 60420 = El baile de Luis Alonso = Banda de Alabarderos 60260 = La Bohème = Vecchia zinzarra = Leon 60245 = Merino de Santo Antonio = Conçoneta = J. Silva 60403 = La Bal des Fleurs = Gavotte = Guarda Municipal 52176 = Victoria Regia = Flute = Semenow 50180 = Marcia Reale Italiana = Handa di Milano 60250 = O gigante e o Urso = Canção excentrica = C. Nunes 60221 = Nini = Valsa = Guarda Municipal 50172 = J'obis XV = Valse = Gard Republicaine 60406 = Belle Aurore = Valsa = Guarda Municipal 60410 = Aller et Retour = Marche 52433 = Lohengrin = Duetto = Ferrani, Ceretoli 50175 = Ballade = Flute = Stepanowa 52354 = Norma = Troppo tardi l'ho conosciuta = Caffeto 52634 = La Risata = Cantalamezzo 60424 = Serenata = Banda de Alabarderos 52390 = La Favorite = Ange si pur = Affre 52383 = L'Aitalena = Canzonetta = Fantoni 50185 = Ballo Excelsior = Banda de Milano 52390 = Quant è bella = Canzonetta = D'Avigni</p> <p>PEQUENOS 30088 = Toujours ou jamais = Valse = Gard Republicaine 30084 = La Paloma 30104 = Polka des Anglais 30068 = La Czarine = Mazurka 30080 = Sourire d'Avril 30055 = Estudantina = Valse 30059 = Espana = Valse 30139 = Monte Christo = Valsa</p> |
|--|---|